

Para o FMI/Bird, os preços do petróleo poderão baixar logo

ROBERT APPY
Especial para o Estado

WASHINGTON — Embora o preço do petróleo tenha sido o assunto principal da 45ª Reunião Anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial encerrada ontem, os diretores dos dois organismos e demais delegados presentes procuraram não dramatizar o problema. Insistiram em que a cotação atual é artificial e não deverá ser mantida por muito tempo. O presidente George Bush acaba de liberar das reservas estratégicas dos Estados Unidos 5 milhões de barris, um gesto simbólico para um país, cujo consumo diário é de 18 milhões de barris. Bush quis apenas lembrar que não existem hoje dificuldades de abastecimento e que a especulação não deve ser a marca de uma economia de mercado.

É sempre difícil fazer um balanço de uma reunião do FMI/Banco Mundial. As decisões são fruto de negociações anteriores, notadamente no Grupo dos Sete (os países mais ricos), e nunca tomam a forma de medidas concretas, mas apenas de recomendações encaminhadas aos boards dos dois organismos. A 45ª reunião, longe de ter sido inútil, teve a vantagem de permitir o diálogo, sem agressões, entre países de pensamentos tão distintos como Estados Unidos e Iraque, China e países do Leste Europeu — os mais recentes integrantes da comunidade que vive sob as leis da economia de mercado.

Os organismos internacionais, geralmente lentos nas tomadas de decisão, mostraram uma surpreendente vontade de agir diante da crise do Oriente Médio. O Banco Mundial já dispõe de um programa para ajudar os países de primeira linha, na linguagem militar

(Turquia, Jordânia e Egito), e já se diz também que os Estados Unidos teriam a promessa de recolher em torno de US\$ 15 bilhões para concretizar tal ajuda. Mas, no FMI, excluiu-se a hipótese de constituição de um programa especial equivalente ao da oil facility da primeira crise do petróleo, já que será mais ágil utilizar apenas os recursos disponíveis.

BRASIL

O Brasil ocupou por várias vezes as manchetes dos jornais de Washington, mas na reunião do FMI/Bird é evidente que não se falou apenas de Brasil. Estê foi o primeiro contato direto da equipe econômica brasileira com a cúpula financeira internacional. Para a equipe da ministra Zélia Cardoso de Mello, ficou claro que o Brasil é o único país do mundo a seguir uma política ortodoxa e corajosa sem conseguir resolver o problema da dívida externa. Mas é um país que está aprendendo que o diálogo tem retorno e pode abrir novas perspectivas.

A União Soviética foi uma espécie de herói dessa reunião, da qual participou como observadora, mas uma observadora privilegiada, que chegou a pedir ao mundo capitalista um estudo para lhe ensinar como entrar numa verdadeira economia de mercado. A Europa do Leste começa a colher progressos, após a dura conversão ao liberalismo, e todos os países-membros do FMI/Bird sabem que podem contar com a ajuda das grandes nações industrializadas que querem uma economia mundial liberalizada. A resistência está somente na China, que parece não ter entendido, até agora, que o liberalismo econômico ao qual aspira somente poderá ser construído sobre as bases de um liberalismo político.